COLÓQUIO/Letras

ISSN: 0010-1451 - Página principal / Homepage: https://coloquio.gulbenkian.pt

Poetas do Barroco português II - D. Francisco Manuel de Melo

David Mourão-Ferreira

Para citar este documento / To cite this document:

David Mourão-Ferreira, "Poetas do Barroco português II - D. Francisco Manuel de Melo", *Colóquio/Letras*, n.º 168/169, Jul. 2004, p. 189-194.

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

102

POETAS DO BARROCO PORTUGUÊS

II – D. Francisco Manuel de Melo

DEPOIS de Francisco Rodrigues Lobo, de quem falámos na última emissão, falaremos hoje de D. Francisco Manuel de Melo. Nascido em Lisboa em 1608 (enquanto Rodrigues Lobo tinha nascido cerca de 1580), pertence já, por conseguinte, a uma outra geração literária — e a sua vida, aliás agitadíssima, decorre já inteiramente no século XVII. Com efeito, até à data da sua morte (em 1666, com cinquenta e oito anos incompletos), D. Francisco Manuel teve uma existência deveras tumultuosa, que dava para um romance de capa e espada: foi soldado e diplomata; esteve preso e desterrado (ao todo durante onze anos), por motivos que ainda não estão esclarecidos — e a que talvez não tenha sido estranha uma presumível rivalidade, por amor da mesma dama, com el-Rei D. João IV... Escritor fecundíssimo, nos mais variados géneros, D. Francisco Manuel viria a ser considerado, pelo crítico e historiador espanhol Menéndez y Pelayo, como a maior figura literária do tempo, logo a seguir a Francisco de Quevedo, de quem aliás foi amigo e discípulo. Mas é apenas como poeta que ele aqui nos interessa — e, particularmente, como poeta português, *em português*, visto que, da sua obra poética, dois terços foram escritos em castelhano... É claro que esta vultuosa parte da sua poesia também poderia interessar-nos; mas já nos chega, para termos uma ideia do poeta, aquilo que escreveu na língua pátria e que é suficientemente representativo de certas coordenadas do Barroco na nossa poesia de Seiscentos.

Tal como procedemos em relação a Rodrigues Lobo, vamos dar sobretudo a palavra, nesta emissão, aos próprios textos do poeta. E começaremos por sete quintilhas de uma sua carta em verso, em que D. Francisco Manuel como que faz o balanço da sua existência, dessa existência que foi, de resto, extremamente típica de um homem «barroco»:

Vários climas e desterros
peregrinei, mas contrários,
arrojando os duros ferros:
os caminhos foram vários,
mas uns foram sempre os erros.

Nesta e naquela região
(outro pródigo segundo),
fui lástima e confusão:
vede que tal, quando o mundo,
que a tantos sofre, a mim não!

Aquela grande constância
do braço que nos defende
já não leva a repugnância
da malícia, que pretende
defender-se co'a ignorância.

Abusando os benefícios,
surdo à voz, ao lume cego,
daqueles vãos sacrifícios,
no que fiz maior emprego
foram nos fumos e indícios.

Como o camaleão logo,
ou salamandra, o sustento
busco em vão, pois em vão rogo,
animal de inútil vento,
monstro de pérfido fogo.

Este fui (vede que bem
em tais empregos se escolhe!),
buscando e seguindo a quem
é raio que se não colhe,
e é fumo que se não tem.

Assi, com ânsia e desgosto,
porque no mal não achava
o bem que nele havia posto,
correndo o mundo buscava
onde era o gosto do gosto.

Mas o menos que podemos dizer de D. Francisco Manuel é que ele, embora tenha corrido o mundo buscando onde se encontrava «o gosto do gosto», o que mais frequentemente topou foi o «desgosto do gosto» ou, quando muito, «o gosto do desgosto»... De qualquer modo, não era homem para complacentemente se deleitar neste «gosto do desgosto»; e os sonetos que escreveu enquanto esteve encarcerado revelam antes o ânimo de quem sabia fazer frente ao infortúnio e de

quem, mesmo no infortúnio, se mostrava capaz de exibir bom humor. A este respeito, observe-se, por exemplo, o seguinte soneto em que ele descreve a própria prisão:

Casinha desprezível, mal forrada,
Furna lá dentro, mais que inferno escura;
Fresta pequena; grade bem segura;
Porta só para entrar, logo fechada;

Cama que é potro; mesa destroncada;
Pulga que por picar faz matadura;
Cão só para agourar; rato que fura;
Candeia nem co'os dedos atiçada;

Grilhão, que vos assusta eternamente;
Negro boçal, e mais boçal ratinho,
Que mais vos leva que vos traz da praça;

Sem amor, sem amigo, sem parente,
Quem mais se dói de vós, diz: Coutadinho!
Tal vida levo. Santo prol me faça!

Desta mesma prisão — no forte da Trafaria —, escreve ele também, por altura da consoada, a uma sua prima, para dizer que não sabe o que há-de enviar-lhe — sem, no entanto, perder o ensejo, como podem reparar, para «fazer humorismo» sobre a triste situação em que se encontra:

Que vos hei-de mandar de Caparica
De que vós, Prima, não façais esgares?
Porque de graças e bençãos aos pares,
Disso, graças a Deus, sois vós bem rica!

Mel e açúcar? São cousas de botica.
Coscorões? São piores que folares.
Perus? Não, que são pássaros vulgares.
Porco? Só de o dizer nojo me fica.

Mandara-vos o sol, se desta cova
Mo deixaram tomar; mas é fechada,
E inda o é mais para mi a rua Nova.

Pois, se há-de ser de nada a consoada,
Mandar-vos-ei, sequer, Prima, esta trova,
Que o mesmo vem a ser que não ser nada.

Espero que tenham observado, tanto neste soneto como no anterior, a predilecção do poeta pelos termos concretos e pelas expressões triviais — o que aliás faz dele uma espécie de precursor do realismo poético. Cento e cinquenta anos depois, Nicolau Tolentino não desdenharia de escrever mais ou menos assim. Mas não pensemos que se trata, na sua época, de uma característica exclusiva de D. Francisco Manuel: encontramo-la também em Góngora, em Lope de Vega, em Quevedo, em inúmeros poetas franceses, ingleses, italianos e alemães do mesmo período... É que se contêm, no Barroco, os germes de quase toda a poesia futura: do Romantismo, do Realismo, do Simbolismo... Por isso mesmo, um crítico italiano pôde dizer, recentemente, que o Barroco constituiu «a maior revolução formal de todos os tempos» («*la più grande rivoluzione formale di tutti i tempi*»... em italiano sempre tem outro sabor...). E, por isso mesmo, é que temos estado a dar a esta fase a atenção que ela merece.

Mas voltemos a D. Francisco Manuel de Melo. E, novamente, ao aspecto do seu humor. Aqui temos outro soneto, provavelmente também escrito na prisão e dirigido, como o título pitorescamente o indica, «a uma senhora que, estando de mui bom parecer, contraiu o parentesco de sogra»... Enfim, um soneto dirigido a uma sogra em muito bom estado e que, ainda hoje, todas as sogras nas mesmas condições poderão apreciar devidamente:

Quando deixareis vós de ser fermosa,
Minha senhora dona Mariana?
Nunca já mais, se a vista não me engana,
Ou se a fé, mais que a vista, escrupulosa.

Filha vos conheci, e já vi rosa,
Das que se preza Abril, Maio se ufana,
Que, em vendo essa beleza soberana,
Do prado se acolhia vergonhosa.

Conheci-vos esposa, em igual preço
Envejada das flores. Mas, que importa,
Se mãe fostes, com raios semelhantes?

E até sogra, que agora vos conheço,
(Contra o que dizem: nem de barro à porta...*)*
aposto que inda sois como éreis dantes.

Formosura? Beleza que desafia o tempo? Tudo isto, no entanto, está condenado. E os poetas barrocos souberam-no melhor do que ninguém. Se, por um lado, em todos os registos erguiam hinos à beleza, por outro sublinhavam constantemente que ela é efémera — que tudo é efémero. D. Francisco Manuel não

foge à regra; também ele conhece a brevidade de tudo, também ele incessantemente a proclama:

Melhor há de mil anos que me grita
Ũa voz, que me diz: És pó da terra!
Melhor há de mil anos que a desterra
Um sono, que esta voz desacredita.

Diz-me o pó que sou pó, e a crer me incita
Que é vento quanto neste pó se encerra;
Diz-me outro vento que esse pó vil erra.
Qual destes a verdade solicita?

Pois, se mente este pó, que foi do mundo?
Que é do gosto? que é do ócio? que é da idade?
Que é do vigor constante e amor jucundo?

Que é da velhice? que é da mocidade?
Tragou-me a vida inteira o mar profundo!
Ora quem diz sou pó, falou verdade.

Desta simples e comezinha verificação, tão velha como o próprio mundo — mas particularmente obsessiva para o espírito barroco —, até ao relevo assumido pelo tema da morte, pela visão da Morte, vai evidentemente um pequeníssimo passo. Depois dos poetas medievais, os poetas barrocos são, como se sabe, os grandes especialistas do espectáculo fúnebre. E, entre eles, D. Francisco Manuel ocupa um lugar muito importante. Nada melhor, por isso mesmo, para rematarmos esta emissão do que evocarmos o seu mais célebre soneto sobre este assunto — soneto que apresenta, como observou em tempos Fidelino de Figueiredo, «um cambiante até então desconhecido na opulenta evolução do género» e em cujas «lôbregas personificações, parece haver um prenúncio da lira anteriana». É, com efeito, em certos sonetos de Antero de Quental que o referido soneto de D. Francisco Manuel nos faz pensar, do mesmo modo que outros, entre os que atrás apresentámos, nos faziam recordar certas composições de Nicolau Tolentino ou do Abade de Jazente. Mas tratemos, enfim, de apresentar o soneto:

Vi eu um dia a Morte andar folgando
Por um campo de vivos, que a não viam.
Os velhos, sem saber o que faziam,
A cada passo nela iam topando.

Na mocidade os moços confiando,
Ignorantes da Morte, a não temiam.

Todos cegos, nenhuns se lhe desviam;
Ela a todos c'o dedo os vai contando.

Então, quis disparar, e os olhos cerra:
Tirou, e errou! Eu, vendo seus empregos
Tão sem ordem, bradei: Tem-te homicida!

Voltou-se, e respondeu: Tal vai de guerra!
Se vós todos andais comigo cegos,
Que esperais que convosco ande advertida?

Uma última observação, à maneira de *post-scriptum*. Na emissão de hoje, não nos socorremos, propositadamente, de uma única imagem. Em primeiro lugar, porque não existe — por mais escandaloso que pareça (e é!) — um único retrato de D. Francisco Manuel de Melo. Em segundo lugar, porque também apetece, por vezes, deixar aos textos toda a força que eles têm — para averiguar se eles a têm efectivamente.